

Adolescência e internet: A família em cena

Paula Melgaço¹, Belo Horizonte

Terezinha Féres-Carneiro², São Paulo

Resumo: O objetivo deste trabalho é discutir como as questões familiares são abordadas pelos jovens na internet. Foram entrevistados seis adolescentes brasileiros do sexo masculino usuários do YouTube. Os resultados apontam que a internet, além de funcionar como um espaço para trocas de experiências e tentativa de elaboração de embates que surgem no seio familiar, é palco de representações sobre a família e sobre a concepção dos jovens acerca dos papéis de gênero, que ainda são norteadas por estereótipos que enquadram a mulher como aquela que cuida do lar e da educação dos filhos, e o homem como o provedor financeiro. Ademais, salienta-se que, embora os pais se preocupem com o uso que os filhos fazem da internet, estes os apoiam, tanto por levarem em consideração os benefícios provenientes desta conexão, como pelo fato de que, uma vez conectados, os filhos demandam menos atenção.

PALAVRAS-CHAVE: Adolescentes; Internet; Família.

Introdução

No decurso da adolescência, uma das tarefas mais importantes é a separação do ideal dos pais, isto é, o afastamento do lugar ocupado até a infância para que ocorra a construção de respostas às perguntas que começam a surgir a partir da puberdade, concernentes, sobretudo, à identidade, ao reconhecimento social e às transformações que ocorrem no corpo.

¹ Doutora em Psicologia Clínica pela PUC-Rio. Psicanalista em formação pela SBP-MG/IPA. Rua Estácio de Sá, 367/103, Gutierrez. Belo Horizonte- MG. 30441-042. (21)99992-2296. paulamelgaco.psi@gmail.com

² Doutora em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo-PUC/SP. Professora do Departamento de Pós-Graduação em Psicologia na PUC-Rio. Rua Marquês de São Vicente, 225. Prédio Cardeal Leme, Sala 217. Gávea, Rio de Janeiro, RJ 22451-900. (21)99111-0180. teferca@puc-rio.br

Este artigo é derivado da minha tese de doutorado, “Internet e juventude: decifrando a diversidade desta relação”, defendida no Programa de Pós-Graduação Em Psicologia da PUC-Rio (2020), sob orientação da prof^a. Dr^a. Terezinha Féres-Carneiro.

Emergem, ademais, conflitos com a família que, por vezes, não reconhece o filho, que passa por modificações das mais diversas, desde as corporais até o lugar que ocupa no seio social.

Embates geracionais relacionados à autonomia dos adolescentes e a negociações ligadas a festas, a escolhas profissionais e de parceiros fazem parte do cotidiano de famílias com filhos adolescentes (Ponciano & Féres-Carneiro, 2014). Salienta-se que este trabalho vai ao encontro do proposto por Sawyer, Azzopardi, Wickremarathne & Patton (2018), quando estes alargam a faixa etária da adolescência, que passa a englobar indivíduos entre, aproximadamente, 10 e 24 anos de idade.

Esse alargamento se deve, segundo Levisky (2013), ao fato de que a concepção que cada sujeito tem que fazer de sua identidade adulta está cada vez mais cruciante e complexa. Cabe ressaltar que, durante todo o processo de desenvolvimento do ser humano, a família, sem dúvida, assume um lugar de destaque. É no seio familiar que o jovem encontra apoio e sustentação para crescer de forma saudável e espontânea (Winnicott, 1975; 1999; 2011).

Na adolescência, o papel da família, ainda que esta atue de forma distinta ao apoio dado ao filho na infância, é essencial, principalmente se a adolescência for considerada como “uma fase de dificuldades, uma mistura de dependência e desafio, que se esvai na medida em que o adolescente se torna adulto” (Winnicott, 2011, p. 41). Nesse momento, o desafio familiar é o de facilitar o desenvolvimento sadio do filho adolescente, sem que seu domínio e sua autoridade bloqueiem gestos e abordagens espontâneas.

Como bem aponta Winnicott (2011), muitos adolescentes vivem esse período da vida de forma inibida, pois sua família espera e demanda que sejam “bons”, isto é, que se submetam às expectativas sociais. Ao contrário da submissão, seria desejável que a família pudesse funcionar como um ambiente facilitador para que o potencial de desenvolvimento saudável herdado se expressasse sem maiores problemas (Davis & Walbridge, 1982).

A despeito disso, o fato é que, mesmo que a família seja “suficientemente boa”, nas trocas estabelecidas entre o adolescente e os membros daquela, há conflitos e desafios inerentes a qualquer relação, não sendo diferente do que se passa em outras conexões intersubjetivas.

Em pesquisa desenvolvida por Féres-Carneiro, Zivani, Magalhães e Ponciano (2013), dados coletados com os adolescentes revelam que as famílias contemporâneas assumem configurações cada vez mais democráticas e horizontais no que concerne à relação entre pais e filhos.

Além disso, parece haver maior liberdade de expressão por parte dos filhos, uma vez que estes passam a ocupar um nível hierárquico similar ao de seus genitores. Não obstante, ainda que mudanças tenham ocorrido, a relação pais/filhos ainda é permeada por conflitos.

Dentre as principais divergências apontadas pelos adolescentes, é possível destacar o questionamento da autoridade de seus genitores, além da vivência do divórcio dos pais, a frequência e o rendimento escolar, a escolha de amizades, a vida social, as normas, as punições, a invasão de privacidade, os problemas com irmãos e a divisão de tarefas domésticas (Cloutier & Drapeau, 2012; Lam, Rifkin & Townley, 1989; Oliveira & Costa, 1997). Conforme Santrock (2014), a maior parte dos conflitos são provêm de questões triviais do dia a dia familiar.

Tanto para os pais como para os adolescentes, o diálogo e o esclarecimento são vistos como as principais saídas para os desacordos, muito embora os castigos (como a suspensão de atividades) ainda sejam considerados por aqueles como opções possíveis, caso a interlocução não funcione da maneira esperada (Lam, Rifkin & Townley, 1989).

Com o advento da tecnologia digital, além dos conflitos já existentes entre pais e filhos adolescentes, a internet inaugura mais um campo de embate que tem tomado parte dos diálogos e discussões entre os membros da família. O tempo que os filhos passam conectados, o celular na hora de dormir e a distração dos pais e dos jovens são exemplos dos novos impasses que acompanham a rotina familiar (Robb & Vennegaard, 2019).

Uso *versus* interferência da tecnologia na dinâmica familiar

Não se trata de uma tarefa simples investigar os efeitos da tecnologia digital, com foco especial para a internet, na vida dos jovens, incluindo suas relações com o mundo do trabalho, com os estudos, com os amigos e com a família, já que a velocidade com que as mudanças tecnológicas ocorrem é difícil de acompanhar (Global Kids Online, 2019; Palfrey & Gasser, 2011).

No entanto, considerando que as alterações subjetivas promovidas pelos usos que os seres humanos fazem desses recursos caminham em outro ritmo, é possível efetuar investigações que abarquem a subjetividade e os relacionamentos (Nicolaci-da-Costa, 2002).

No caso dos jovens, a relevância da internet é tamanha que, segundo dados da Fundação Telefônica Vivo (2019), os jovens só não permanecem conectados quando estão sem créditos ou sem bateria no smartphone; em alguns casos isto também ocorre nos momentos de trabalho e de estudo.

O tempo e a forma de conexão deste público têm sido alvo de diversas críticas e julgamentos que, nem sempre, se baseiam em dados confiáveis.

Por exemplo, ao contrário de diversos comentários da mídia, a pesquisa “Juventudes e Conexões” (2019) revela que os jovens ainda consideram a família e a escola como principais fontes de referência, tanto no processo de aprendizado, como no que concerne à participação social e à decisão de quem querem ser, isto é, no processo de construção da identidade.

Assim sendo, embora a tecnologia digital tenha promovido mudanças nas relações entre a família e os jovens (Avena & Rabinovich, 2016; CGI.br, 2019; Robb & Vennegaard, 2019; Unicef, 2017), aquela continua sendo fundamental para o desenvolvimento destes sujeitos, até mesmo na relação que os mesmos estabelecem com o ciberespaço.

Isso equivale a dizer que a família é corresponsável pela forma por meio da qual a tecnologia vai ser introduzida na vida das crianças e na mediação entre as mesmas e os conteúdos e atividades desempenhados on-line. Logo, a família continua sendo considerada como um:

“grupo de pertença”, sempre teve e continuará tendo uma importância fundamental para o indivíduo e para a sociedade, no sentido de que é ela quem estrutura o sujeito e a subjetividade através do processo de socialização, dando-lhe as condições básicas de sobrevivência e fazendo com que o mesmo possa se transformar em um indivíduo capaz de viver socialmente e de contribuir para o desenvolvimento da comunidade onde vive (Avena & Rabinovich, 2016, p. 167).

Pontes (2011) afirma que há três formas de mediação que os pais podem exercer na relação dos filhos com a internet, a saber: ativa, restritiva e instrutiva. A primeira refere-se ao fato de os adultos se tornarem referências por suas próprias práticas no mundo digital. Já a mediação restritiva, utiliza a internet, por exemplo, como recompensa ou punição para algum comportamento.

Por fim, a tática instrutiva aposta no diálogo e na transmissão de informações sobre a tecnologia. Contudo, apesar da relevância das famílias, nem todas se mostram disponíveis para executar a função de mediar a relação dos jovens com o mundo digital.

Dias, Melgaço e Silva (2018) apontam, inclusive, que alguns adolescentes demandam a intervenção dos pais, principalmente no tempo gasto com redes sociais e games, já que reconhecem ter dificuldades para colocar limites sozinhos.

Por outro lado, há alguns jovens que reclamam da forma invasiva com que os pais atuam, impondo somente punições. Por fim, segundo Le Breton (2017), há pais que deixam a cargo dos filhos as decisões acerca de como utilizar as novas tecnologias, dando-lhes autonomia total no ciberespaço.

É interessante salientar que, em muitas famílias, há uma inversão de papéis no que concerne à transmissão de conhecimentos sobre a internet, o que engloba modos de usar, riscos e resolução de problemas.

Consoante dados do CGI.br (2019), 80% dos adolescentes consideram que sabem mais do que seus pais sobre assuntos ligados ao uso da rede.

Logo, não são incomuns situações em que os pais, por não saberem como reagir ou lidar com embaraços provenientes do ciberespaço, solicitam aos filhos que solucionem este tipo de impasse.

Segundo a Unicef (2017), na visão dos jovens, as repercussões das tecnologias digitais na dinâmica familiar podem ser tanto positivas como negativas, a depender do contexto e das formas de usar. Dunker (2017) exemplifica:

Pais que usam a vida digital como pacificador, que não falam, nem se interessam ou participam do universo simbólico que esta traz consigo, que demonizam a cultura digital, como se ela fosse uma droga ou uma má companhia da qual devem proteger seus filhos, estão contribuindo, direta ou indiretamente, para a intoxicação digital de seus filhos e para a crença, esta sim perigosa, de que o demônio está nos objetos e nas linguagens e não no que fazemos com elas (p. 133).

De acordo com Drouin e McDaniel (2018), é necessário diferenciar o uso da tecnologia da interferência da tecnologia. Isto porque há inúmeros benefícios provenientes de alguns modos de uso da tecnologia, inclusive no plano familiar, como quando os membros da família jogam videogames juntos ou quando os mesmos utilizam aplicativos de comunicação para manter contato ao longo do dia (Robb & Vennegaard, 2019; Unicef, 2017).

Contudo, dependendo da forma como os recursos tecnológicos são utilizados, estes podem produzir interferências nas relações cotidianas entre as pessoas. Muitos pais, além de se sentirem pressionados por demandas do trabalho, utilizam os gadgets para se refugiar das obrigações domésticas e parentais, o que leva os filhos a se queixarem da falta de dedicação dos mesmos.

Tudo isso gera desentendimentos e desencontros entre os pais e seus filhos adolescentes, tais como: problemas de comunicação, em que ambas as partes se queixam da falta de atenção do outro, e embates quanto ao uso do celular em detrimento das tarefas domésticas e escolares (Robb & Vennegaard, 2019).

Ainda conforme a referida pesquisa, mesmo que os dispositivos móveis sejam fonte de conflito nas famílias, estes não chegam a afetar significativamente o relacionamento familiar: 58% dos pais e 71% dos jovens entrevistados afirmam, inclusive, que a tecnologia digital não faz diferença alguma para as famílias.

Já para outros grupos familiares, apesar de os pais se preocuparem com os riscos que os filhos correm na rede, os genitores reconhecem os benefícios da internet, tais como: a possibilidade de expressão criativa, o acesso a informações, a preparação para o mercado de trabalho e o auxílio no processo de construção identitária.

Papéis de gênero: a percepção dos adolescentes

Um dos desafios que os jovens enfrentam é a construção de suas identidades, o que, por sua vez, engloba a representação do que é ser homem e ser mulher, ou seja, como devem ser exercidos os papéis de gênero. Estes são definidos por Santrock (2014) como “conjuntos de expectativas que indicam como homens e mulheres devem pensar, agir e sentir” (p. 185).

Segundo Bamberg (2002), Bordini (2010) e Georgakopoulou (2005), a delimitação dos gêneros construída pela juventude é baseada em critérios relacionados a atributos físicos e sociais, às atividades desempenhadas e aos lugares ocupados pelos indivíduos. Tais parâmetros reforçam os padrões sociais hegemônicos que definem o que é ser homem e mulher.

Assim sendo, estereótipos, como o homem hiperssexualizado, provedor, responsável pelas contas da casa, e a mulher dona de casa, encarregada da educação dos filhos, hipossexualizada e interessada por novelas e fofocas, fazem parte do imaginário dos jovens.

As generalizações acerca dos gêneros alcançam, inclusive, o seio familiar, já que os adolescentes também criam noções sobre o que é ser pai e mãe. De acordo com Cloutier e Drapeau (2012), a mãe, por ser considerada a principal responsável pelo cuidado e a educação dos filhos, é a figura de quem os mesmos mais se aproximam.

Já o pai, via de regra, é visto pelos filhos como aquele que, além de ser o maior responsável pelo sustento do grupo, deve ser obedecido, uma vez que representa a autoridade.

Nota-se, assim, que, a despeito de todas as modificações sociais, culturais e políticas pelas quais o mundo vem passando, o que altera, inclusive, a noção do que é família (Kehl, 2003), ainda são disseminados pela mídia padrões tradicionalistas sobre os papéis de gênero dentro e fora da família (Bordini & Sperb, 2012).

Ante o exposto, o objetivo deste artigo é discutir como as questões familiares são abordadas pelos adolescentes na internet.

Método/Sujeitos

Na presente investigação, foram entrevistados seis jovens do sexo masculino (nomeados como entrevistados de 1 a 6), entre 18 e 24 anos, residentes no Rio Grande do Sul, em São Paulo e no Rio de Janeiro, das camadas médias da população, universitários ou recém-graduados, e usuários do YouTube.

Instrumento

Foram realizadas entrevistas no aplicativo WhatsApp, por meio de áudios, com roteiro semiestruturado invisível, elaborado anteriormente a partir dos seguintes eixos temáticos: ferramentas mais utilizadas na internet, o lugar que a internet ocupa na vida dos entrevistados e a função da internet na construção de resoluções de conflitos, especialmente os familiares. Além disso, foram analisados dois vídeos de cada entrevistado, indicados por eles como os mais representativos das questões discutidas ao longo da entrevista.

É imprescindível dizer que a escolha por efetuar a entrevista on-line se deu não só pela praticidade, já que a ideia era entrevistar jovens de qualquer região do Brasil, como também pela constatação, apontada por vários autores (Fundação Telefônica Vivo, 2019; Romão-Dias & Nicolaci-da-Costa, 2005), de que esse público se sente mais à vontade para falar sobre questões pessoais quando há a mediação da internet.

Segundo dados da Fundação Telefônica Vivo (2019), 98% dos adolescentes estão conectados no WhatsApp diariamente. Tal aplicativo, de acordo com os dados da pesquisa, deixa os jovens mais confortáveis para pronunciarem-se sobre questões pessoais, expressando-se com mais facilidade no ambiente virtual.

Procedimento

A escolha dos participantes se deu através do método de amostragem por conveniência (Richardson, 2017). Inicialmente, efetuou-se uma busca livre de jovens que possuíam ou participavam de algum canal no Youtube. Houve dificuldade de comunicação com os possíveis participantes da pesquisa, realizada inicialmente pelo contato disponibilizado no canal, que se deu por causa da ausência de respostas e/ou demora destes para se posicionar.

Desse modo, a pesquisadora optou, após a primeira entrevista, por solicitar indicações dos entrevistados, lançando mão da técnica *snowball sampling* (Vinuto, 2014). As entrevistas e os vídeos foram analisados, segundo o método de análise de conteúdo, em sua vertente categorial, conforme proposto por Bardin (2011).

Resultados e discussão

Das narrativas das entrevistas e dos vídeos, emergiram várias categorias de análise. Considerando o objetivo deste estudo, serão discutidas as seguintes categorias: *conflitos familiares, como a família vê o uso da internet e a família representada pelos jovens*.

Conflitos familiares

Os entrevistados salientam que a internet os auxilia a lidar com os conflitos familiares, como a falta de contato com o pai e discussões com outros membros do grupo.

Hoje, eu não falo com meu pai, né? Daí, que nem eu falei, desde o ano passado, por ‘n’ questões, assim. E sempre quando eu vou fazer algum vídeo, alguma coisa, várias vezes já ficou nas entrelinhas, assim, sabe? Que eu... eu não tinha esse contato, que era difícil pra mim e tal. E já encontrei várias pessoas, pela internet, na mesma situação, que às vezes não têm o contato com algum familiar e tal. Até mesmo perdas, assim, sabe? E a internet ajuda como uma válvula de escape, assim, sabe? Pra você não guardar tudo para dentro de si, pra você comentar com outras pessoas, para desatolar um pouquinho, assim, as coisas de dentro de você. Mas já me ajudou, sim, tanto dessas questões, assim, com esse lado da família que eu não tenho contato, quanto questões do dia a dia com minha mãe, às vezes alguma questão ou algum desentendimento bobo. Às vezes, acontece, né? (Entrevistado 5, 24 anos, São Paulo).

Sou filho único e não tenho contato com meu pai tem um tempo, depois de várias brigas. Tem um pedaço da minha família que mora em outro estado, mas eu não tenho muito contato. Então, meu núcleo familiar somos só eu e minha mãe. A internet me ajuda um pouco nisso, a lidar com isso, a entender isso que acontece (Entrevistado 6, 22 anos, São Paulo).

O que acontece já aconteceu comigo foi ... sei lá... ter brigado com a minha mãe e daí eu tá mexendo no Facebook, assim.... eu tava sem falar com ela e tal e, de repente, eu vejo aqueles vídeos tipo “aí, ame seus pais, porque, né? Eles não vão estar aqui pra sempre e tudo mais.” Daí isso me fez voltar a falar com a minha mãe, porque eu acho que eu senti que tipo ...eu precisava fazer isso, porque... por mais que ela tivesse errada ou eu tivesse errado o orgulho não ia levar a lugar nenhum, né? Então, eu acho que ajudou nesse sentido (Entrevistado 3, 23 anos, Rio Grande do Sul).

As falas evidenciam que os entrevistados, em alguns momentos, encontram-se sós na tarefa de construir saídas e respostas para os conflitos com suas famílias. Buscam, portanto, variados recursos, incluindo a internet, que, por sua vez, propicia, além do contato com pessoas com quem possam conversar sobre o assunto, uma forma de colocar para fora de si desacordos que não puderam ser resolvidos por meio da conversa entre os envolvidos.

Nesse sentido, os resultados vão de encontro a Lam, Rifkin e Townley (1989), na medida em que estes autores postulam que o diálogo é a saída preferida, tanto dos pais como dos filhos adolescentes, para lidar com conflitos.

Ademais, as narrativas destacam a relevância das questões familiares na vida dos entrevistados. No caso do entrevistado 3, este se vê mexido por mensagens emotivas no Facebook, que o fazem refletir sobre a importância de sua relação com a mãe. Já os entrevistados 5 e 6, ao buscarem na internet uma forma de lidar com a ausência do pai, de elaborar a situação, demonstram o quanto esta relação é relevante para eles.

Tudo isso corrobora a importância do núcleo familiar na vida dos jovens, tal como destacado por Winnicott (1975; 1999; 2011) e pela Fundação Telefônica Vivo (2019). Esta, por seu turno, pontua que, não obstante o que é circulado pela mídia, a família é apontada pelos jovens como uma de suas principais referências.

Como a família vê o uso da internet

Os entrevistados revelam que suas famílias, apesar de se preocuparem com alguns riscos e com o futuro dos filhos, aceitam e apoiam o uso que eles fazem da internet. Além disso, o uso da internet parece ser bem-vindo para determinados pais, uma vez que atenua as demandas de atenção dos filhos.

A minha família sempre gostou desse negócio de YouTube. Eu assistia, aí eu mostrava os vídeos pro meu pai, pra minha mãe e eles sempre gostaram. Eles até perguntavam pra mim: por que que tu não faz? Aí, depois, quando eu comecei a fazer, eles gostaram muito. Eles assistem todos os meus vídeos. Eh.. eles falam assim: “Ah filho, pode levar isso como profissão, mas tu tem que ter um plano B”. E eu entendo isso, eu acho que a gente tem que ter um plano B, porque, querendo ou não, se não dá certo, a gente tem uma profissão, né? A gente tem um jeito de não pode ficar só nisso, né? Eles se preocupam também com o tempo que passo na internet, e de vez em quando isso dá confusão, mas...eles aceitam tudo de boa, eles gostam bastante dos meus vídeos (Entrevistado 1, 18 anos, Rio Grande do Sul).

Eu era o filho que não dava trabalho, ficava quieto no computador. Eles não faziam ideia do que eu estava fazendo, até mesmo porque eles não entendem nada disso, mas achavam bom porque eu ficava quieto. Então, não tinha tanto problema ficar sem a atenção, entre aspas, digamos assim. A internet para os meus pais era como se fosse um lugar onde eu ficava, aparentemente, tranquilo e deixava eles tranquilos também, porque eu não incomodava, não precisava de atenção como a minha irmã que era agitada e não parava quieta (Entrevistado 4, 22 anos, Rio de Janeiro).

Os meus pais, principalmente a minha mãe, sempre me incentivaram a fazer o que eu gostava. Então, quando eu contei que eu aparecer num canal pra mais de 800.000 pessoas, eles ficaram bem felizes assim por mim, porque eles sabem que eu gosto desse meio de comunicação, gravação e internet. Eles ficaram felizes porque é como se fosse uma realização pra mim... eles aceitaram bem de boa, acharam que poderia me fazer bem, me ajudar a desenvolver esse lado. Foi algo bem tranquilo, porque, como eu disse, eles sempre me motivaram a fazer o que eu gostasse e, como é o que eu gosto, eles ficam felizes por mim. Só falam pra eu não deixar de lado meus amigos e a escola, que preciso estudar e também tomar cuidado com quem eu não conheço (Entrevistado 2, 18 anos, Rio Grande do Sul).

À semelhança dos resultados das pesquisas de Robb & Vennegaard (2019), Unicef (2017), CGI.br (2018) e Fundação Telefônica Vivo (2019), as falas demonstram que, embora os pais tenham preocupações ligadas aos usos e às interferências da internet na vida dos filhos adolescentes (Drouin & McDaniel, 2018), especialmente em assuntos tocantes ao futuro deles, como a escola e a profissão, os genitores também conseguem enxergar as vantagens de estar conectado ao ciberespaço.

Além do mais, os pais se inquietam com o tempo que os jovens passam conectados e com o modo de socialização destes que também passa a ser atravessado pela internet (Robb & Vennegaard, 2019).

No tocante aos benefícios, nota-se que as falas reforçam informações encontradas pelo CGI.br (2019), Fundação Telefônica Vivo (2019) e Unicef (2017), que apontam os ganhos que a internet pode gerar para os adolescentes em diversas instâncias, como na socialização, no processo de desenvolvimento pessoal e profissional e no acesso a informações.

Outrossim, tal como apontado por Dunker (2017), o entrevistado 5 descreve a postura de seus pais como aqueles que lançam mão da tecnologia como pacificadora, ou seja, como um recurso que, ao capturar a atenção do jovem, libera os pais da tarefa de fazê-lo. No caso do jovem em questão, a atenção era, então, direcionada para a irmã que, ao contrário dele, era a filha que necessitava da maior dedicação dos genitores.

Nesse sentido, as falas dos entrevistados ratificam os preceitos de Drouin e McDaniel (2018), tendo em vista que estes entendem que muitos pais lançam mão dos dispositivos tecnológicos tanto para entreter os filhos quanto a si próprios, com o intuito de se eximirem de certas tarefas ligadas à parentalidade.

Além de tudo, as narrativas confirmam o que foi exposto por Le Breton (2017) e pela pesquisa efetuada pela CGI.br (2019), quando estes afirmam que, em alguns casos, os jovens são autorizados pelos pais a tomarem todas as decisões em relação ao uso da internet. Dessa forma, têm autonomia total no ciberespaço, o que acontece tanto pela falta de conhecimento dos pais como pela posição que muitos assumem de demonizar a tecnologia (Dunker, 2017).

Representações da família nos vídeos

Os vídeos analisados revelam que os entrevistados ainda têm uma visão idealizada e estereotipada da família e dos papéis desempenhados pelos membros que a compõem, sobretudo no que tange à questão de gênero.

Minha irmã fica querendo um monte de Barbies, mas eu não entendo! As bonecas são todas iguais: loiras, magras, cabelo grande. Legal mesmo era o MaxSteel, boneco cheio de armas, facas, mergulhava. Não essa coisa de menininha. (Entrevistado 2, 18 anos, Rio Grande do Sul). Meu pai adora novelas, aqui em casa é cheio de revistas de fofoca. Quando a minha mãe convida as amigas para vir aqui, todas só conversavam com meu pai, porque ele sabe tudo sobre novelas e a minha mãe não. Ela fica com ciúme [. . .] No mercado, meu pai corre para a sessão de revista de fofocas, eu pra parte dos gibis, a minha irmã para as bonecas e minha mãe pra comprar comida. (Entrevistado 1, 18 anos, Rio Grande do Sul).

Estou criando uma família perfeita com todo mundo que eu acho que vai dar certo. Marido, esposa e filhos! Tudo direitinho. Ah... claro, um bom emprego para propiciar uma vida boa com viagens e uma casa. Essas coisas (Comentário sobre o jogo “The Sims” - Entrevistado 2, 18 anos, Rio Grande do Sul).

As narrativas presentes nos vídeos descrevem e apresentam (por meio de imitações) a mãe com roupas e com aparatos ligados a atividades domésticas. Já o genitor, quando aparece, é retratado como aquele que fica encarregado do dinheiro e da segurança familiar. No momento em que um dos pais é descrito como aquele que gosta de novelas, isto acaba virando motivo de chacota, já que foge do papel de gênero tradicional.

Tudo isso confirma os achados de Bordini e Sperb (2012), que revelam a existência de diversos estereótipos que orientam os jovens na construção da definição do que é ser homem e mulher. No caso da presente pesquisa, nota-se que a irmã é representada como “menininha” que gosta de bonecas, a mãe como a principal cuidadora da família e responsável pelas tarefas domésticas, e o pai como que foge ao padrão esperado, já que se interessa por assuntos definidos como femininos, tais como novelas e revistas de fofocas.

Desse modo, este estudo corrobora as considerações de Bamberg (2002), Bordini (2010) e Georgakopoulou (2005) sobre os critérios que os jovens utilizam para definir os papéis de gênero, que são baseados, em particular, pelas atividades e características físicas dos indivíduos: a mãe que cuida da casa, a irmã que gosta de boneca e o adolescente que gostava de bonecos com armas são exemplos de descrições que correspondem aos estereótipos delimitados pela sociedade. Não é sem razão que o pai se torna motivo de escárnio por fugir do que é esperado socialmente.

Por fim, as narrativas desvelam que os jovens são guiados não só por padrões no que diz respeito aos papéis de gênero, como também à configuração familiar, que deveria ser composta por marido, esposa e filhos, além de dispor de uma condição financeira satisfatória. Ideal reproduzido, inclusive, nos jogos. Dessa maneira, os resultados encontrados vão ao encontro das ideias de Cloutier e Drapeau (2012) acerca de como os jovens percebem a família e os membros que a compõem.

Considerações finais

A transição da adolescência para o mundo adulto inaugura uma série de conflitos para os indivíduos que se encontram nesse momento da vida. Enfrentamentos que vão desde incômodos com o corpo, dificuldades com as exigências sociais, dúvidas ligadas à própria identidade, até reveses com a família.

A respeito do último, os principais motivos que geram embates entre pais e filhos estão associados a assuntos cotidianos, tais como: a autonomia dos adolescentes, a escolha profissional, a divisão de tarefas, o desempenho escolar e, mais recentemente, o tempo e a forma com que os jovens usam a internet (Cloutier & Drapeau, 2012; Lam, Rifkin & Townley, 1989; Oliveira & Costa, 1997; Ponciano & Féres-Carneiro, 2014; Robb & Vennegarrd, 2019 e Santrock, 2014).

A internet, por sua vez, ganha cada vez mais relevância na vida dos adolescentes, que a utilizam não só para se divertir, manter-se informados e comunicar-se, mas também como meio de expressão e elaboração de questões, especialmente, quando se encontram sozinhos para lidar com elas (Fundação Telefônica Vivo, 2019 e CGI.br, 2019).

Em relação aos conflitos familiares, o presente estudo revela que, embora pesquisas anteriores apontem o diálogo entre os envolvidos como principal forma de resolução de conflitos entre os membros da família (Lam, Rifkin & Townley, 1989 e Oliveira & Costa, 1997), nem sempre este cenário se mostra possível. Em consequência, os jovens, muitas vezes, acabam tendo que encontrar, por si sós, meios para elaborar questões envolvendo os pais.

Encontram, na internet, outros adolescentes vivendo situações semelhantes e que estão dispostos a escutá-los e a trocar experiências. A internet parece funcionar, portanto, como uma suplência, ou seja, uma tentativa de suprir a falta do contato com o pai e a suspensão da comunicação com outro membro da família com quem a relação se encontra no ápice de algum embate (Santrock, 2014).

No que concerne ao modo como a família vê os usos que os filhos fazem da internet, nota-se que os pais se preocupam com as possíveis interferências desta na vida dos jovens, como, por exemplo, não ter um plano alternativo caso a carreira no Youtube não dê certo, passar tempo demais conectado, deixar os estudos de lado e se afastar dos amigos.

Apesar dos receios, os genitores parecem apoiar e incentivar os filhos a gravarem vídeos e a participar de canais no YouTube, apostando que esta seria uma forma de autorrealização para eles, além de auxiliar no desenvolvimento de algumas habilidades.

Os dados apontam também que alguns pais estimulam os filhos a permanecerem conectados, já que, assim, eles parecem demandar menos atenção e cuidados, deixando-os livres para se dedicar a outras tarefas.

Por último, alguns vídeos gravados pelos entrevistados evidenciam suas percepções sobre a família e os papéis, especialmente ligados ao gênero, desempenhados pelos membros do grupo. Apesar dos diversos avanços sociais que vêm promovendo alterações na concepção e nos modelos tradicionais de família, que, por seu lado, passa a assumir novas configurações que, por vezes, fogem dos padrões (Kehl, 2003), ainda predomina entre os entrevistados uma noção estereotipada do grupo familiar: pai, mãe e filhos; este seria o padrão ideal.

Ademais, a definição do que é ser homem e o que é ser mulher ainda parece ser bastante engessada, uma vez que considera a figura feminina como a responsável pelos cuidados do lar e a educação dos filhos, e o homem como o provedor financeiro da casa. Assim, quando se deparam com indivíduos que fogem a esta caracterização, os jovens fazem piadas que questionam, por exemplo, o fato de um pai gostar de novelas e revistas de fofoca, interesses considerados tipicamente femininos.

Isto posto, observa-se que a internet é um espaço amplo e variado no qual os jovens vivem e comunicam questões das mais diversas ordens, a saber: problemas que vivem no cotidiano familiar, percepção sobre o que é uma família e o que define o que é ser um homem e uma mulher, a forma como os pais percebem os usos que fazem da internet são alguns exemplos.

A relação que os adolescentes estabelecem com o ciberespaço é, portanto, complexa e repleta de nuances, sendo, assim, impossível de ser limitada por leituras simplistas e reducionistas. Isto, atrelado à velocidade com que as mudanças tecnológicas caminham, faz com que pesquisas sobre o assunto sejam difíceis de serem conduzidas, o que reforça a necessidade de mais estudos, em especial sobre metodologias adequadas para pesquisas realizadas na internet.

Referências

- Avena, M.E & Rabinovich, E.P. (2016). *Novas tecnologias e novos vínculos familiares: repercussões no processo de socialização*. Revista Psicologia, Diversidade e Saúde, 5 (2), 164-175.
<http://dx.doi.org/10.17267/2317-3394rpds.v5i2.873>
- Bamberg, M. (2002). *Construindo a masculinidade na adolescência: Posicionamentos e o processo de construção da identidade aos 15 anos*. In Lopes, M.L.P. & Bastos, C. (Orgs.), *Identities: Recortes multi e interdisciplinares*. Campinas: Mercado de Letras, 149-185.
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70.
- Bordini, G.S & Sperb, T.M (2012). *Concepções de gênero nas narrativas de adolescentes*. Psicologia: Reflexão e Crítica, 25(4), 738-746. <https://dx.doi.org/10.1590/S0102-79722012000400013>
- Cloutier, R. & Drapeau, S. (2012). *Psicologia da Adolescência*. Petrópolis: Ed. Vozes.
- Dias, V.C; Melgaço, P. & Silva, C.R (2018). *“Eles têm lá seus motivos”: os pais como mediadores na relação dos jovens com a tecnologia*. In Soares, A.M; Simão, J.R & Neves, L.M (Orgs.). *Caminhos da aprendizagem e inclusão: entretecendo múltiplos saberes*. Belo Horizonte: Ed. Artesã, 165-174.
- Drouin, M. & McDaniel, B. (2018). *Technology interference in couple and family relationships*. In Attrill-Smith, A.; Fullwood, C; Keep, M. and Kuss, D (Eds.) *The Oxford Handbook of Cyberpsychology*. Oxford: University Press, 115-132.
- Dunker, C.I (2017). *Intoxicação digital*. In Batista, A. & Jerusalinsky, J (Orgs.). *Intoxicações Eletrônicas: o sujeito na era das relações virtuais*. Salvador: Ágalma, 117- 145.
- Fundação Telefônica Vivo (2019). *Juventudes e Conexões*. São Paulo: Fundação Telefônica Vivo.
Acesso em <http://fundacaotelefonica.org.br/projetos/juventudes-e-conexoes/>
- Global Kids Online (2019). *Global Kids Online: Comparative Report*, UNICEF Office of Research, Florence.
- Kehl, M. R. (2003). *Em defesa da família tentacular*. In Groeninga, G & Pereira, R (Orgs.), *Direito de família e psicanálise: rumos a uma nova epistemologia*. Rio de Janeiro: Imago, 163-176.

Lam, J.A.; Rifkin, J; Townley, A (1989). *Reframing conflict: implications for fairness in parent-adolescent mediation*. Mediation Quarterly, v.7.

Le Breton, D. (2017). *Uma breve história da adolescência*. Belo Horizonte: Editora PUC Minas.

Levisky, D. (2013). *Adolescência: reflexões psicanalíticas*. São Paulo: Editora Blucher.

Oliveira, C.A & Costa, A.E (1997). *Categorias de conflitos no cotidiano de adolescentes mineiros*. Psicologia: Reflexão e Crítica, 10(1), 87-104. <https://dx.doi.org/10.1590/S0102-79721997000100007>

Ponciano, E. L. T. & Féres-Carneiro, T. (2014) *Relação Pais-Filhos na Transição para a Vida Adulta, Autonomia e Relativização da Hierarquia*. Psicologia Reflexão e Crítica, 27 (2), 388-397.

Ponte, C. (2017). *Crescendo entre culturas digitais nas últimas décadas*. In N.L. Lima, M.R. Nobre, V.

C. Dias, M.Stengel (Orgs.) *Juventude e cultura digital: diálogos interdisciplinares* (pp. 33-45). Belo Horizonte: Ed.Artesã,

Richardson, R. (2017) *Pesquisa Social: métodos e técnicas*. São Paulo: Atlas.

Robb, M. B., Bay, W., & Vennegaard, T. (2019). *The new normal: Parents, teens, and mobile devices in Mexico*. San Francisco, CA: Common Sense Media.

Santrock, J.W (2014). *Adolescência* (14ª ed). Porto Alegre: AMGH.

Vinuto, J. (2014). *A amostragem em Bola de Neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto*. Temáticas, 44, 201-218.

Winnicott, D.W. (1975). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago.

Winnicott, D.W. (1999). *Tudo começa em casa*. São Paulo: Martins Fontes.

Winnicott, D.W. (2011). *A família e o desenvolvimento individual*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes.